

TURISMO RURAL E DESENVOLVIMENTO SOCIECONÔMICO ENDÓGENO: A EXPERIÊNCIA DA FAZENDA VALE VERDE, NO ESTADO DO MARANHÃO (BRASIL)¹**Cristiane Mesquita Gomes²
Rebecca de Nazareth Costa Cisne³
Edegar Luis Tomazzoni⁴**

Resumo: Com base na ideia de que o turismo rural oferece entretenimento à população urbana e promove intercâmbios enriquecedores entre culturas, o objetivo deste artigo é mostrar a importância de iniciativas empreendedoras de turismo rural, por meio de parcerias entre setor privado e academia, como estratégia de desenvolvimento socioeconômico. O método de estudo foi pesquisa vivencial, no período de 2003 a 2005 e 2008, e pesquisa bibliográfica. Estuda-se a experiência da Fazenda Vale Verde, situada no município de Vargem Grande (Maranhão), cujos proprietários e gestores, valorizaram a qualificação de pessoas e investiram no segmento. Conclui-se que, em razão de seu grande potencial agrário, o estado do Maranhão pode encontrar, no turismo rural, uma forma de desenvolvimento que beneficie os moradores camponeses, o que otimizará a agropecuária, gerará investimentos na vida do campo e manterá o homem em seu habitat natural.

Palavras-chave: Turismo Rural. Desenvolvimento Socioeconômico. Empreendedorismo. Maranhão.

1. INTRODUÇÃO

Os debates e reflexões, que dominam a cena política e socioeconômica internacional, levam à formulação de novas concepções de desenvolvimento (endógeno, local e humano), fundamentadas na melhoria da qualidade de vida, na organização produtiva e na conservação do meio ambiente, por meio do incentivo ao empreendedorismo.

Sob essas perspectivas, o turismo pode, se planejado e implementado de maneira competente, promover o desenvolvimento de uma região ou localidade. O turismo rural, como segmento a ser desenvolvido, em áreas que priorizem, ou que contemplem atividades agrárias e que evoquem paisagens campestres, pode impulsionar o desenvolvimento socioeconômico local

¹ Artigo apresentado no grupo de trabalho Desenvolvimento Local e Regional (DHT-1), do VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação de Turismo (ANPTUR). São Paulo, 2009.

² Professora do curso de Turismo do Cefet-Alcântara-MA, Especialista em Docência na Educação Superior, Bacharel em Turismo e Bacharel em Turismo <cristiane.msqt@gmail.com>.

³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Turismo da Universidade de Caxias do Sul, Especializanda em Ensino e Aprendizagem de Segunda Língua – Inglês da Universidade de Caxias do Sul. Bacharel em Turismo <rebeccacisne@gmail.com>

⁴ Doutor em Turismo, com Ênfase em Desenvolvimento Regional, pelo Programa de Pós-graduação da ECA - Escola de Comunicação e Artes da USP. Professor do Programa de Pós-Graduação - PPGTUR, Mestrado em Turismo da UCS - Universidade de Caxias do Sul. <edegarlt@terra.com.br>

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Com a expansão das publicações sobre o retorno ao ambiente campestre e a divulgação de um segmento turístico promissor, que pode contribuir para a redução do êxodo rural, os proprietários da Fazenda Vale Verde, no Maranhão, colocaram-na à disposição de estudantes, para que sua estrutura fosse utilizada como laboratório de implementação de proposta pioneira no estado.

De 2001 a 2002, reuniões entre os gestores da propriedade e acadêmicos definiram os programas, para o ano de 2003, de capacitação dos moradores locais e de qualificação dos serviços de atendimento dos turistas, para que a Fazenda tivesse suas atividades de turismo rural desenvolvidas de 2004 a meados de 2006.

Com uma área de 270 hectares, a Fazenda Vale Verde, localiza-se a 30 km do município de Vargem Grande, próxima à Vila Ribeiro e Murici, a aproximadamente 200 km da capital maranhense, São Luis. A atividade turística da Fazenda, que contemplava o modo simples da vida do campo, foi escolhida como tema para a implantação de um projeto de incubadora de turismo rural, priorizando benefícios para a população local de 600 pessoas. No decorrer de um ano (2004 a 2005), a Vale Verde ofereceu trabalho a pelo menos vinte por cento da população produtiva da fazenda, com fomento à economia da comunidade, geração de emprego e renda.

O objetivo deste artigo é mostrar a importância de iniciativas empreendedoras de turismo rural. A relevância deste estudo consiste em mostrar que o turismo rural pode impulsionar o desenvolvimento socioeconômico local, desde que haja participação ativa e responsável dos atores envolvidos, além de agregar, como foi no caso da Fazenda Vale Verde, o conhecimento e a competência profissional às suas atividades.

Apresenta-se fundamentação teórica de turismo rural, de desenvolvimento socioeconômico e de empreendedorismo. Descrevem-se aspectos do estado do Maranhão e da Fazenda Vale Verde e mostram-se experiências dos projetos de inclusão social dos moradores, das referidas comunidades rurais.

2. MÉTODO

A produção deste artigo abrange pesquisa bibliográfica, vivência na Fazenda Vale Verde, município de Vargem Grande, no estado do Maranhão, observação por meio de

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

investigação intervencionista, no período de 2003 a 2005 e 2008, e descrição da experiência exploratória de realização de ações de implementação do turismo rural.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo, de cunho analítico, cujos dados são descritos conforme sua situação, com o objetivo de compreender, em seus próprios termos, os fenômenos aqui apresentados. (GOLDENBERG, 2005). A pesquisa bibliográfica é constituída, principalmente, de livros e artigos científicos. A pesquisa intervencionista teve como principal objetivo interferir na realidade estudada para modificá-la. (GIL, 1999).

Para a implementação do trabalho com os moradores da Fazenda Vale Verde, realizaram-se as seguintes etapas: 1) sensibilização das autoridades locais a respeito da necessidade de preservação do ambiente e dos benefícios do turismo; 2) capacitação dos envolvidos no processo; 3) identificação de oportunidades de comercialização de produtos e serviços artesanais; 4) inventariação dos atrativos turísticos; e 5) incentivo à implantação do turismo rural no local, de acordo com padrões de sustentabilidade.

3. DESENVOLVIMENTO SOCIOECONÔMICO ENDÓGENO POR MEIO DO TURISMO

Desenvolvimento é processo de superação de problemas sociais, em que a sociedade se torna mais justa e legítima. (SEN, 2000). Souza (2002) destaca a experiência brasileira do final da década de 1960 e início da década de 1970, quando se vivenciou o “milagre econômico”, e mostra que crescimento econômico pode ocorrer sem que haja distribuição de renda e melhoria dos indicadores sociais. Para Buarque (2004, p. 25), o desenvolvimento local, é “processo endógeno de mudança, que leva ao dinamismo econômico e à melhoria da qualidade de vida da população, em pequenas unidades territoriais e agrupamentos urbanos”.

As políticas do desenvolvimento regional devem contemplar e beneficiar democraticamente as comunidades locais. “As políticas tradicionais regionais demonstraram sua incapacidade de responder aos novos fatos e processos. (...) Manter uma estratégia como o repasse de recursos das regiões mais ricas para as mais pobres, além de ser ineficaz, revelava-se inviável”. (BARQUERO, 2002, p. 211).

Para ser sustentável e ter consistência, o novo paradigma de desenvolvimento deve impulsionar as potencialidades locais e contribuir para aumentar as oportunidades sociais e a

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

competitividade da economia. Em consonância, deve-se assegurar a conservação dos recursos naturais, que são condição para a qualidade de vida dos habitantes. (BUARQUE, 2004).

O desenvolvimento socioeconômico endógeno é decorrente do espírito empreendedor, ideia destacada em conteúdos de disciplinas acadêmicas e na mídia. O empreendedor imagina, desenvolve e realiza visões. (DOLABELA, 2006). Para Schumpeter (*apud* Dornelas, 2005), o empreendedor é aquele que transforma a ordem econômica, pela introdução de novos produtos e serviços, por novas formas de organização, ou pela prospecção de novos recursos materiais. O empreendedor cria novos negócios e também inova dentro de empresas já constituídas. É a pessoa com idéia de negócio, ainda que não seja o investidor (SCHUMPETER, 1985). Por meio do empreendedorismo, gera-se riqueza para a sociedade, e desenvolvimento socioeconômico endógeno.

Como setor de iniciativas empreendedoras representativas, o turismo proporciona: a) geração de empregos; b) diversificação de negócios; c) redução de desigualdades regionais; d) melhoria da qualidade de vida da população; e) proteção do ambiente; e f) desenvolvimento social. O turismo articula empreendedores no processo de desenvolvimento local, justamente pelo fato de ser atividade movimentada por pessoas. De acordo com Knafou (1996), o turismo deve ser entendido como atividade humana, ainda que a palavra seja particularmente polissêmica e evoque atividade social, fundamental a todo sistema econômico.

Se, por um lado, o crescimento das atividades turísticas contextualiza-se na economia capitalista, voltada para fins lucrativos, por outro lado, com a ausência de desenvolvimento industrial sustentável, o turismo é alternativa para compensar o atraso e impulsionar o desenvolvimento.

Neto e Brennand (2004, p. 75) afirmam que “uma empresa, para tornar-se sustentável, deve ir além do produzir e do vender. Deve agir como um agente promotor do desenvolvimento sustentável da sociedade e, sobretudo, das comunidades próximas de suas unidades”. O turismo deve transcender a esfera das relações econômicas de oferta e demanda e proporcionar aumento da renda dos moradores do lugar visitado, por meio do estímulo a investimentos e à criação de empregos.

Para que se vençam os desafios do subdesenvolvimento, North (2001) defende aplicação de conhecimento, inovação tecnológica, investimento de capital, por meio do fortalecimento da coordenação institucional. Amartya Sen (2000, p. 87) argumenta que “a pobreza precisa ser vista como a privação das habilidades básicas, em vez de meramente baixos níveis de

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

renda”. A capacitação do produtor rural, com base na atividade turística, otimiza as habilidades, de forma a convertê-las em incremento mais significativo para sua renda.

Nesse contexto, o turismo rural impulsiona o desenvolvimento local. Além disso, em áreas afastadas dos centros urbanos, proporciona, ao turista, vivência do universo do campo, contato com as características de vida rústica, com a cultura e com o folclore, por meio dos trabalhos artesanais, que se inspiram na história das localidades e nas tradições das comunidades.

Uma das principais características do turismo rural, no Brasil, são as organizações produtivas familiares, em que se destacam a gastronomia típica e as manifestações populares. Entre as práticas que contextualizam o mundo rural, destacam-se, ainda, categorias turísticas relacionadas ao agronegócio, ao ecoturismo, ao turismo de aventura.

A nova demanda dos turistas por esse segmento surge, então, em razão do estresse da vida cotidiana. As pessoas voltam-se cada vez mais para o campo, por necessidades físicas e psicológicas de estabelecer um contato direto com a natureza e de fugir da rotina dos ambientes urbanos conturbados. Para que o turismo proporcione o desenvolvimento socioeconômico local, é preciso que haja participação ativa dos atores e gestores, além de implementação de projetos competentes e de recursos financeiros para investimentos.

4. TURISMO RURAL

Diferentemente de outros países, no Brasil, o turismo rural é atividade recente. Ruschmann (1996, p. 63) explica:

O turismo rural não é um fenômeno novo. O interesse crescente pelas atividades do meio rural já se manifestava no século XIX, na Europa, como uma reação ao estresse e às atribulações decorrentes de expansão das cidades industriais. O turismo rural, como se apresenta a partir dos anos 70, 80 e 90, é diferente daquele em vários aspectos, principalmente no grande número de pessoas envolvidas atualmente. Na sua forma mais original e “pura”, o turismo rural deve estar constituído em estruturas eminentemente rurais, de pequena escala, ao ar livre, proporcionando ao visitante o contato com a natureza.

De acordo com Rodrigues (2003), turismo rural relaciona-se a atividades agrárias e a paisagens campestres. A territorialidade deve ser analisada sob perspectiva que transcenda a concepção do espaço como rural, em oposição ao urbano. As práticas de turismo rural estão diretamente ligadas ao uso do espaço, por meio do modo de vida do campo.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Nesse sentido, Tulik (2003, p. 14) explica que “em um primeiro momento, o turismo rural caracteriza-se por produção primária, da agricultura e da pecuária [...]. Existem áreas intermediárias, nas quais características urbanas e rurais se misturam”. Na visão de Tulik (2003, p. 17), “aglomerações de casas e de pessoas são consideradas urbanas”. O pressuposto teórico da autora é a definição de áreas urbanas pelo Instituto de Estudo Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): “as sedes municipais, as sedes distritais e as áreas urbanas são isoladas, enquanto que as áreas rurais são as situadas fora desses limites, incluindo-se os aglomerados rurais”. (TULIK *apud* RODRIGUES, 1998, p. 92).

Para Rodrigues (1998, p. 92), entretanto, “[...] há muitas ambiguidades nessa classificação. Segundo esse critério, uma sede de distrito-vila – com 100 habitantes, por exemplo - é considerada urbana, enquanto que um distrito industrial, com sua planta de empresas, é considerado rural”. De acordo com Pimentel (2003), no meio rural, pode-se encontrar, além das áreas naturais protegidas, uma natureza cultivada (pastos, plantações, rebanhos) e, em alguns casos, patrimônio histórico. As práticas de lazer no campo possibilitam integração mista ou híbrida de diversos grupos sociais.

Retoma-se a discussão central de Tulik (2003, p. 23) para unir seu pensamento ao de Pimentel:

A zona rural será aquele cujas atividades econômicas tenham uma base agrária e florestal [...]. Além da pecuária e produtos derivados, deve caracterizar-se pela existência da vida natural e selvagem, em que a produção industrial seja esporádica, e a cultura e as tradições se identifiquem fortemente com o ambiente e com as forças da natureza.

Ainda sobre as atividades no campo, Zimmermann mostra a importância de considerar as peculiaridades locais, visando, prioritariamente, aos interesses da comunidade:

A atividade do turismo rural deve estar obrigatoriamente em harmonia com interesses da comunidade local, do turismo e do meio ambiente. A harmonização desses elementos significa garantir a sustentabilidade da atividade por meio do tripé: elementos culturais/antrópicos, ecológicos e econômicos (ZIMMERMANN, 1996, p.130).

Portuguez (2005) argumenta que muitos autores encontram dificuldades para estabelecer um conceito que contemple o conjunto de aspectos que caracterizam o turismo rural.

5. O TURISMO NO ESTADO DO MARANHÃO

O estado do Maranhão, localizado na Região Nordeste do Brasil, destaca-se por uma concentração de áreas verdes, das quais muitas são quase intactas e com pouca ação antrópica. Com tais características, parece natural que haja nova interpretação do turismo, no Maranhão, com implicações no fortalecimento da infraestrutura, o que pode revelar potencialidades de, pelo menos, metade dos 217 municípios do estado para investimentos. A cultura agropecuária estruturada e o mundo do agronegócio atraem empreendedores do setor hoteleiro do sul e sudeste do país.

Conforme pesquisa realizada pelo órgão oficial de turismo do estado⁵, a maioria dos turistas que visitam o Maranhão hospeda-se em pousadas (37,43%). Eles organizam a viagem por conta própria (80,75%), gastam na cidade até R\$ 100,00 (85,37%). Consideram o valor pago pelos bens e serviços normais (68,12%), o passeio é o principal motivo da viagem (53,47%), e os atrativos naturais são os motivos decisórios da viagem (91,26%).

O município de Vargem Grande, onde se localiza a Fazenda Vale Verde, tem 36.045 habitantes (IBGE, 2006). É conhecido pelas festas religiosas dos meses de janeiro (festejo de São Sebastião, principal atrativo turístico) e agosto (festejo de São Raimundo Nonato dos Mulundus). Além das tradições, as lendas permeiam o imaginário do povo vargengrandense.

A infraestrutura turística é, entretanto, limitada, e há ausência de número suficiente de leitos, que atendam a demanda dos festejos. A falta de restaurantes e lanchonetes desestimulam a visitação nos demais meses do ano. A Fazenda Vale Verde implementou projeto a fim de contribuir para o desenvolvimento da atividade turística, da infraestrutura e da oferta de serviços em Vargem Grande.

6. A EXPERIÊNCIA DE TURISMO RURAL NA FAZENDA VALE VERDE

Uma das principais contribuições do investimento rural, realizado na Vale Verde, foi o estímulo à fixação do homem no campo, por meio da produção familiar organizada. Houve ainda contribuições ao conhecimento do potencial rural do estado do Maranhão, cujo modelo diferencia-se do turismo tradicional, praticado no litoral. Ampliação do conhecimento da área,

⁵ A pesquisa foi realizada nas cidades de Barreirinha, Carolina, Imperatriz e Tutóia, ano de 2007, no período de 24 a 30 de novembro,

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

acesso ao mercado de trabalho, melhoria da gestão ambiental e da capacidade de inovação são algumas das conquistas alcançadas.

Com a implantação de oficinas de artesanato, capacitaram-se os artesãos para a criação de objetos de jardim e bijuterias, todos fabricados com sementes, como olho de boi⁶, tucum (*astrocarium sp*), cipó escada de jabuti, embira preta (*guatteria olivacea*). Nesse sentido, a Fazenda apresentou quadro favorável à promoção do desenvolvimento integrado entre o homem e o campo, com a preservação da cultura local e fortalecimento da cidadania. Como resultado do investimento, outra vantagem foi elevar o nível da educação da comunidade da Vila Ribeiro e a ampliação da sua capacidade profissional.

Entre as ações da Fazenda, em conjunto com os assentados, destaca-se a construção de parque para as crianças, com equipamentos construídos com carnaúba, em sistema de mutirão, além do resgate das brincadeiras infantis. A dinâmica pedagógica incentivou o compromisso com a preservação do meio ambiente. Com a motivação e a valorização da auto-estima, aumentou o rendimento escolar das crianças.

Outra experiência significativa para os agricultores foi capacitação para construção de moradias, cujo trabalho resultou no primeiro bangalô⁷ da Fazenda. O formato octogonal e as paredes de sopapo⁸ proporcionam sofisticado acabamento final à construção. A arquitetura estimulou a produção de portas e janelas de esteiras simples, pelos próprios artesãos que não as utilizavam para esse fim. A proposta favoreceu diretamente os pedreiros do assentamento, capacitando-os para as mais variadas possibilidades de construção de moradias rurais sustentáveis.

A renda dos assentados apresentou significativo aumento, em decorrência do turismo rural, ainda que essa atividade apresentasse sazonalidade, pois alguns hábitos dos trabalhadores foram alterados e dirigidos para a produção artesanal, em razão de atrair a

⁶ Olho de boi é uma semente geralmente é usado pra afastar o mau olhado. Na verdade é uma semente, e não o olho do animal propriamente. É assim chamado por se parecer com um olho de boi. Dizem que é só colocar atrás da porta de entrada da sua casa dentro de um copo d'água.

⁷ Um bangalô é um tipo de casa de um só andar, muito popular na América do Norte. A palavra deriva do guzerate baṅglo, que por sua vez vem do hindi baṅglā. Ela significa "bengali", no sentido de "casa no estilo de Bengala". Essas casas eram tradicionalmente pequenas, de um só andar e tinham uma varanda. Os bangalôs modernos são um tipo de casa normalmente de um andar ou um andar e meio, e podem ser muito grandes.

⁸ Sopapo é um tambor, instrumento afro-gaúcho, feito originalmente com casca de árvore e couro de cavalo. Inventado pelos escravos que trabalhavam nas charqueadas, na região de Pelotas, sul do Brasil. Há registros que datam seu uso desde 1826.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo

10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

atenção dos turistas. Dessa forma, os produtores de plantas medicinais, os artesãos e as professoras locais uniram-se para divulgação de sua comunidade na cidade vizinha, vendendo seus produtos e imagem, de forma positiva e dinâmica.

Desenvolveram-se o projeto de arborização “Em Se Plantando, Tudo Ganha” e a oficina artesanal “Vivendo do Verde” (elementos de decoração e bijuterias). Os resultados obtidos com a valorização do trabalho das comunidades resultou em incentivos para ampliação de mercados, pois o produtor motivou-se a escoar a produção para outras localidades. Outra ideia inovadora foi o fomento do criatório de ovinos. A iniciativa contribuiu para a capacitação de novos criadores da raça Santa Inês. Paralelamente, houve fomento do agronegócio, por meio de venda dos produtos nas áreas das exposições de animais organizadas pelos criadores.

Ainda como parte das atividades da Fazenda, nos anos de 2002 e 2003, em razão do criatório de animais selecionados da raça Santa Inês, a Vale Verde recebeu uma média de 150 visitantes por ano, entre criadores e turistas, que se hospedaram como convidados e receberam outras propostas de negócios, com sugestão de retorno à fazenda para desfrutar do turismo rural.

Em face dessa nova oportunidade de negócio e de turismo rural, de forma pioneira no Maranhão, favoreceram-se, também, as comunidades vizinhas, por meio da ampliação da oferta de trabalho e das possibilidades de rendimentos. Estrategicamente, a Vale Verde atuou no apoio à pesquisa, cujos resultados socioeconômicos refletiram-se na cidade de Vargem Grande.

A Fazenda consolidou-se como alternativa de turismo em dimensão mais ampla que simplesmente a economia e a ecologia. Seu foco foi a sinergia entre a zona rural e a área urbana, em intercâmbio de competências do homem do campo, com base em sua vocação para o cultivo da terra. A essência humanitária da Vale Verde contemplou economia e ecologia mutuamente, contribuindo para o bem-estar das comunidades, com geração de empregos e renda, além da fixação do homem em seu habitat natural, de forma produtiva.

A preservação da biodiversidade e a gestão da fragilidade do ecossistema foram priorizadas diante da ação exploratória do homem. Compreender essa complexidade foi essencial para conduzir lucidamente o processo de desenvolvimento do turismo rural, na propriedade.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar que o estado do Maranhão apresenta características rurais autênticas e significativo número de propriedades economicamente ativas, o turismo apresenta perspectivas promissoras no estado. A valorização dos atrativos naturais pode impulsionar a economia de localidades semidesenvolvidas, com base no compromisso e na responsabilidade social.

O artigo descreveu e analisou a experiência empreendedora do projeto de turismo rural na Fazenda Vale Verde, que se tornou pioneira, ao provar a viabilidade de reduzir diferenças sociais e divulgar a biodiversidade e a riqueza cultural do estado do Maranhão. O aporte econômico, decorrente da iniciativa, representou soluções parciais para os produtores rurais, mas proporcionou múltiplas oportunidades de negócios.

A Fazenda, situada nos arredores de Vargem Grande, cidade distante 230 km da capital São Luiz, apresentava-se como cenário importante do turismo rural do Maranhão, por oferecer vegetação de cerrado e cocais, bem próxima à chapada maranhense. O cenário diferenciado favorece a atividade turística da região. Conscientes da importância da qualificação de pessoas, os proprietários demonstraram espírito empreendedor, oferecendo apoio irrestrito ao aperfeiçoamento profissional, disponibilizando a Fazenda Vale Verde como laboratório de estudo e apoiando a metodologia de ensino superior, para aperfeiçoamento da prestação de serviços aos turistas.

Além da preocupação em identificar as necessidades, diagnosticar deficiências locais, traçar objetivos e metas que, paulatinamente, foram alcançados, envolveu-se a comunidade daquela zona rural. Houve ampla participação da população, que aderiu às novas ideias e dedicou-se à mudança, em prol do desenvolvimento.

A Vale Verde contribuiu para uma perspectiva inovadora de turismo no Maranhão, como proposta de transformação da realidade econômica. O estado ainda é caracterizado por quadro desolador de miséria absoluta, na maior parte da zona rural e, por meio de propostas empreendedoras de desenvolver esse segmento do turismo, pode-se proporcionar a autossustentação do homem do campo.

No cumprimento da sua missão de agente de desenvolvimento turístico, como participante da proposta de “fazenda incubadora”, a Vale Verde apoiou os projetos de planejamento do turismo rural, até meados de 2006. Com base na experiência, sugere-se uma

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

reflexão sobre a necessidade de desenvolver a atividade, de forma abrangente, no estado. A união do turismo rural com o agronegócio proporcionou benefícios a todos os envolvidos. O trinômio empreendedorismo, responsabilidade social e sustentabilidade representou novo padrão de desenvolvimento para os moradores da região.

A Vale Verde pode subsidiar pesquisas inovadoras, que incrementem o turismo maranhense, diferenciando-o do contexto de destinos como centros históricos e litorâneos e proporcionar lazer e bem-estar ao público das áreas urbanas. Por meio do trabalho iniciado na Fazenda, os gestores da cidade de Vargem Grande podem dar continuidade e essa proposta e estendê-la a outras propriedades e comunidades da região. Além disso, podem contribuir para o fortalecimento da agricultura, para a valorização da tradição local e para o aprimoramento de aptidões do cidadão rural às práticas artesanais, gerando-lhe rendimentos mais significativos do que somente a agricultura lhe proporcionaria.

Os benefícios do turismo para a população local são diversos: 1) aumento da renda familiar e do tempo livre; 2) progresso tecnológico; 3) melhoria do nível de instrução; 4) capacitação nas várias áreas da atividade; e 5) compromisso social com a geração de oportunidades de ganho real.

A carência de informações teóricas sobre o turismo rural valoriza a produção deste artigo, que se propôs a contribuir para a consolidação de conceitos e paradigmas de desenvolvimento socioeconômico, com base no cenário natural, que fundamentou o estudo.

8. REFERÊNCIAS

BARQUERO, Antonio Vazquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2002.

BUARQUE, Sérgio C. **Construindo o desenvolvimento local sustentável**. Rio de Janeiro: Gramond, 2004.

DOLABELA, Fernando. **O segredo de Luisa**. 30ed. Ver. E atual. São Paulo: Editora de Cultura, 2006.

DORNELAS, José Carlos Assis. **Transformando idéias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

_____. **Empreendedorismo**. 2003. Disponível em:
<<http://www.cp.utfpr.edu.br/empreendedor/downloads/dornelas.pdf>> Acessado em
30/03/2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

VI Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
10 e 11 de setembro de 2009 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais.** 9ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

KNAFOU, Remy. Turismo e território: por uma abordagem científica do turismo. IN: RODRIGUES, A. A. B. (org). **Turismo e Geografia: reflexões e enfoques regionais.** São Paulo: Aucítec, 1996.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. IN: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade.** 21 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NETO, Francisco; BRENNAND, Jorgiana. **Empresas Socialmente Sustentáveis: o novo desafio da gestão moderna.** Rio de Janeiro: QualityMark, 2004.

NORTH, Douglas C. **Instituciones, cambio institucional y desempeño económico.** México: Fondo de Cultura Eómica, 2001.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Lazer e natureza no turismo rural. IN: MARINHO, Alciane & BRUHNS, Heloisa Turini (Org). **Turismo, Lazer e Natureza.** Barueri, SP: Manole, 2003.

PORTUGUEZ, Anderson Pereira. Turismo Rural. IN: TRIGO. Luiz Gonzaga Godoi (Editor). **Análises regionais e globais do turismo brasileiro.** São Paulo: Roca, 2005.

RODRIGUES, Adyr Balastrey. Turismo eco-rural, interfaces entre o ecoturismo e o turismo rural. IN: ALMEIDA, J.A.; FROELICH, J. M.; RIEDL, M. (Org.). **Turismo rural e desenvolvimento sustentável.** Santa Maria (RS): UFSM, 1998.

_____. Turismo Rural no Brasil – ensaio de uma tipologia. IN: RODRIGUES, Adyr Balastrey. **Turismo Rural.** São Paulo: Contexto, 2003.

RUSCHMANN, D. V. M. O turismo rural e o desenvolvimento sustentável. In: ALMEIDA, Joaquim; FROELICH, José; RIEDL Mário. (Org.). **Turismo rural e o desenvolvimento sustentável.** Santa Maria: Universidade de Santa Maria, 1998, v. , p. 49-56.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SCHUMPETER. **A teoria do desenvolvimento econômico.** São Paulo: Nova Cultural (Os economistas), 1985.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. **Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local?** IN: RODRIGUES, Edir Rodrigues (org.) São Paulo: Hucitec, 2002.

TOMAZZONI, Edegar Luis. **Turismo e desenvolvimento regional.** Tese de doutorado. São Paulo: ECA – USP, 2007.

TULIK, Olga **Turismo rural.** São Paulo: Aleph, 2003.

ZIMMERMANN, Adonis. **Turismo rural e desenvolvimento sustentável.** Florianópolis: Ed. Do autor, 1996.